

BRASIL E ARGENTINA NA *GEOGRAFIA DA MODERNIDADE DE* MONTEIRO LOBATO

Danyllo Di Giorgio Martins da Mota*

Resumo: Os textos de Monteiro Lobato demonstram o grande interesse do autor pelas idéias de modernidade e progresso. Essa preocupação é um elemento constante em suas análises sobre a realidade brasileira. Em sua obra, especialmente no livro *Mr. Slang e o Brasil*, as questões nacionais são contrapostas a um contexto internacional. Lobato estabelece uma *Geografia da Modernidade* que indica uma escala de progresso na qual se encontram vários países em estágios diferenciados. Para além da admiração pelos Estados Unidos e pela Inglaterra, tomados como parâmetros de modernidade, a Argentina tem uma grande evidência nos textos de Lobato como modelo de estabilização econômica e de sociedade voltada para o trabalho. A Argentina é, em certa medida, tomada como exemplo a ser seguido pelo Brasil. Nesse trabalho buscamos discutir a forma como Brasil e Argentina encontram-se contrapostos por Monteiro Lobato nos textos de *Mr. Slang e o Brasil* a partir das idéias de modernidade e progresso econômico.

Palavras chave: Modernidade, Brasil, Argentina, Monteiro Lobato.

Abstract: Monteiro Lobato's texts show the great interest from the author by the ideas of modernity and progress. In his work, specially in the book *Mr.Slang e o Brasil*, the national questions are put against in an international context. Lobato establishes a *Geography of Modernity* which indicates a scale of progress where are found several countries in different stages. Beyond the admiration of the United States of America and England which are taken as parameter of modernity, Argentina has a great evidence in Lobato's texts as a model of economical stabilization and a society that is turned back to work. Argentina is in some extent, taken as an example to be followed by Brazil. In this work we seek to discuss the way like Brazil and Argentina are met opposed by Monteiro Lobato in *Mr.Slang e o Brasil* texts from the ideas of Modernity and Economical Progress.

Key words: Modernity, Brazil , Argentina , Monteiro Lobato

Monteiro Lobato

José Bento Monteiro Lobato (1882 – 1948) nasceu na cidade de Taubaté, interior de São Paulo. Neto de um fazendeiro da região do vale do rio Paraíba do Sul, a formação de Lobato esteve voltada para o ambiente rural. Órfão ainda criança, foi criado por seu avô, o Visconde de Tremembé, de que influenciara sua formação. O ingresso no curso de Direito em 1900 é apontado em suas cartas (LOBATO, 1959) e em algumas biografias (CAVALHEIRO, s.d) como um exemplo dessa influência. Contudo,

* Aluno do programa de Pós-Graduação em História, nível Mestrado, da Universidade Federal de Goiás – UFG.

Lobato não seguiu a carreira de bacharel. Seguiu por outros vários caminhos: escritor, editor, tradutor, crítico de arte, empresário, fazendeiro... Mas as marcas mais fortes foram deixadas por Lobato por meio de sua atuação no campo literário e editorial.

Como escritor, Lobato teve uma vasta obra de literatura infantil e adulta. Sua literatura infantil tornou-se um ícone no campo literário nacional. Obras que apresentavam os personagens e as aventuras do *Sítio do picapau amarelo* contribuíram com a formação de várias gerações de brasileiros (SANDES, 2003). Suas obras, tanto de literatura infantil quanto de literatura adulta revelam, uma forte ligação com o meio rural, sobretudo do vale do Rio Paraíba, no interior do estado de São Paulo, onde herdara de seu avô a Fazenda do Buquira. Essa fazenda tornou-se, durante a década de 1910, um “laboratório” onde Lobato buscou colocar em prática suas idéias de administração “moderna” e racional. A preocupação com a modernidade, com o progresso e com a razão são elementos marcantes em seu pensamento. Também é marcante seu posicionamento intelectual em que a simples reflexão não era suficiente para solucionar os problemas. É nesse ambiente que Lobato escreve os contos *Urupês* e *Velha Praga* (1914). Publicados no jornal *O Estado de São Paulo*, ao final do ano de 1914, esses textos apresentam as críticas do autor às práticas tradicionais da população do interior paulista. Vistas como despreparado, preguiçoso, atrasado, inadaptável à civilização, descompromissado com o trabalho e com a busca por comodidades, o caipira é apontado como um dos culpados pelo atraso nacional e um empecilho para a modernização do país. O sucesso desses textos (posteriormente incorporados ao livro *Urupês*) deram notoriedade a Lobato no campo intelectual paulista e brasileiro. Esses textos também afirmaram ao imaginário nacional a imagem do Jeca Tatu como símbolo da falta de ação e do comodismo como características da população brasileira (MARTINS, 1978).

Mas com o sucesso surgiram também as críticas à imagem negativa que Lobato construía do caipira e que ganhara projeção de identificação nacional. Essas críticas seriam amenizadas com o ingresso do autor nas Campanhas Sanitaristas do final da década de 1910. apontado as doenças e o abandono do Estado como as causas da condição deplorável em que a população se encontrava, Lobato afirma que “o Jeca não é assim, ele está assim”. Para solucionar os problemas nacionais era preciso então “salvar” a população de seu estado de doença. Era preciso lançar-se à ação (ZILBERMAN *et al*, 1983). A busca por soluções efetivas dos problemas nacionais leva Lobato a criticar o ambiente intelectual de sua época e a ingressar em projetos em prol

da transformação da realidade brasileira. O posicionamento crítico e sua percepção diferenciada da realidade social levam Lobato a participar de inúmeros projetos. Essas empreitadas do autor alcançaram grande sucesso, mas, por vezes, resultaram em grandes fracassos.

O ideal de “intelectual de ação” (ZILBERMAN *et al*, 1983) pode ser percebido na atuação de Lobato no campo editorial. As ações de Monteiro Lobato foram pioneiras no mercado editorial brasileiro. Ao final da década de 1910 ele adquiriu a *Revista do Brasil* (1917) e, a partir desse empreendimento, fundou a *Monteiro Lobato e Cia*, primeira editora brasileira. Nesse período a *Revista do Brasil* tornou-se o empreendimento cultural de maior sucesso na Primeira República (MARTINS, 1978). Suas atividades como escritor e editor levaram-no a ocupar o centro do campo intelectual brasileiro na passagem da década de 1910 para a década de 1920 (LUCA, 1999). Mas Lobato não se limitou às atividades empresariais. Envolveu-se também nas campanhas em prol do saneamento dos sertões e na luta pela exploração de Petróleo e Ferro em território nacional. Essas ações possibilitariam, em sua visão, a modernização do país. Na defesa de suas idéias, envolveu-se em inúmeros debates e polêmicas, estabelecendo uma marca que perfaz a ligação entre sua atuação como intelectual, empresário e editor e sua escrita (KOSHIYAMA, 1982).

Por tudo isso, discutir a idéia de modernidade relacionada a Lobato e à sua obra é um tema delicado. Cada época tem sua própria noção de modernidade e do que é ser moderno. Sendo assim, como podemos classificar um determinado período como pré-moderno ou uma determinada forma de leitura do mundo como pré-modernista? Essa não seria uma forma de anacronismo? A interpretação de uma determinada realidade a partir dos parâmetros de outro momento histórico? Ou ainda, não existe aí implícita uma noção ideal de modernidade? A partir de quais parâmetros se chega a definição de um período pré-moderno? Verificando essas questões ligadas à discussão da idéia de modernidade que envolveu os intelectuais brasileiros de forma muito acentuada na passagem do século, o que pretendemos discutir nesse texto é um pouco do que Lobato considerava como modernidade.

A geografia da modernidade

Apontadas essas questões relativas à discussão do tema da modernidade na obra de Monteiro Lobato, esclareço que meu objetivo com esse trabalho é discutir o

estabelecimento pelo autor de etapas de modernidade que aqui chamei de *geografia da modernidade*, e não definir sua obra como moderna ou retrógrada. As primeiras décadas do século XX foi um momento em que os intelectuais buscaram assumir a tarefa de condução da sociedade brasileira. A percepção corrente era de que o Brasil encontrava-se em descompasso com as regiões mais desenvolvidas do planeta nos aspectos cultural, político e econômico. Urgia a necessidade de adequar o país à realidade que se verificava nos países que serviam de parâmetro para o que era aceito como moderno. Nesse sentido, dois lugares podem ser identificados, com bastante recorrência, como parâmetros de modernidade adotados pelos intelectuais nesse período: a Europa – com destaque para a Alemanha, a Inglaterra e, principalmente para a França – e os Estados Unidos.

Em suas análises sobre a realidade brasileira Lobato reserva a esses lugares uma posição de destaque, servindo como referência para sua análise da realidade nacional. Apresentando sempre sua ironia, principalmente quando se referindo à França e à imitação dos hábitos franceses que se verificava no Brasil, Lobato define os países que ele via como parâmetros de modernidade, sobretudo os EUA e a Inglaterra. Para Lobato, os Estados Unidos representavam o que havia de mais avançado no mundo. Sua política era inovadora, a ciência e tecnologia eram a base do desenvolvimento econômico e a livre iniciativa era a base social.

A admiração de Lobato pelos Estados Unidos fazia-o apontar a construção de um novo mundo a partir deste país – um mundo “americanizado”. Uma transformação tal qual ocorrera com o Jeca dos textos de divulgação do Biotônico Fontoura¹. E para que o Brasil se tornasse moderno, era preciso se “americanizar”. A falta de contato com a cultura americana era uma das críticas de Lobato às velhas elites que conduziram o Brasil até aquele momento. Enquanto as elites carioca e nordestina continuavam nutrindo simpatias pela cultura européia durante a República, os produtores de gêneros de exportação (como café, borracha e cacau), sobretudo a elite paulista, procura estreitar laços com os EUA, nosso maior importador. Isso alterou a

¹ Durante a década de 1920 Lobato produziu para o laboratório Fontoura o texto *Jecatuzinho*. A nova versão da história de Jeca Tatu, que surgiu inicialmente no artigo *Urupês* (1914), mostrava agora a salvação do caboclo através da aplicação de medidas com base científica que alteravam suas práticas tradicionais. Além do uso do próprio biotônico produzido pelo laboratório, a utilização de aparelhos “modernos”, como telescópios, satélites e caminhões, representam a “americanização” da vida do caboclo expressa por Lobato nesse texto.

geografia política e cultural em que a americanização se coloca no horizonte da possibilidade para romper com a herança colonial (FLORES, 2007: 368).

Os elogios à Inglaterra surgem principalmente nos textos de *Mr. Slang e o Brasil* (1927). A série de crônicas tem como personagem principal um velho inglês residente no Brasil que discute com um amigo brasileiro questões relativas à economia e à política nacionais. A experiência inglesa surge como contraponto à ineficiência da administração republicana no Brasil, a imprudência que caracterizaria o brasileiro e o censo de irrealidade que provocaria o atraso do país. Contra a Inglaterra depunha apenas a base antiga de sua civilização, não demonstrando assim o vigor que Lobato identificava nos Estados Unidos (LOBATO, 1959). Contudo, a Europa – representada sobretudo pela Inglaterra – e os Estados Unidos são apontados por Lobato como a ponta de lança da modernidade.

Na outra ponta dessa geografia da modernidade encontramos o Brasil simbolizado por suas regiões mais atrasadas do ponto de vista cultural, econômico e político – cujo maior símbolo era o caipira. A economia firmada na produção agrícola com práticas tradicionais dão o tom das críticas de Lobato ao descompasso do país. Essas características encontram-se presentes em sua obra desde a década de 1910. Nos artigos *Urupês e Velha Praga* o caipira torna-se o principal culpado pelo atraso econômico do Brasil devido sua improdutividade. Essa incapacidade de contribuir para o progresso do país era percebida por Lobato na perpetuação de práticas tradicionais como o uso das queimadas para a preparação do solo para o plantio e a ausência da busca por comodidade e conforto (LOBATO, 1994). Caracterizado por um conteúdo extremamente racista e elitista, Lobato aponta o Brasil como símbolo do atraso econômico e cultural. O Brasil estava muito distante dos Estados Unidos e da Inglaterra, se equiparando a países como a China e o Senegal e ocupando a outra extremidade da marcha do progresso (LOBATO, 1959).

No meio desse caminho, entre a modernidade e o atraso, Lobato aponta duas regiões: São Paulo como o lugar mais operoso e próspero do Brasil devido a vocação econômica de parte de sua população – sobretudo as elites e os imigrantes – e a Argentina que se destacava no cenário atrasado da América do Sul assim como o estado paulista se destacava no cenário brasileiro. Assim, Brasil e Argentina ocupam lugares diversos nessa geografia da modernidade lobatiana, sendo possível a comparação entre

ambos e entre aquilo que o autor aponta como símbolos de modernidade presentes tanto na Argentina quanto em São Paulo como contrapontos às demais regiões do país.

A Argentina na obra de Lobato

A relação de Monteiro Lobato com a Argentina ultrapassou os limites do trabalho intelectual. A admiração pela cultura argentina e as oportunidades mercadológicas levaram Lobato a residir em Buenos Aires por um breve período entre 1946 e 1947. Na Argentina Lobato encontrou inspiração para a defesa de reformas sociais no Brasil que seriam inspiradas no Georgismo (ZILBERMAN *et al*, 1983), uma vertente do socialismo. Lobato também manteve contato com inúmeros intelectuais argentinos, revelando a extensão do seu campo de ação como escritor e editor e do alcance de suas idéias.

Mas, a Argentina também tem um lugar de destaque nos escritos de Lobato, sobretudo como contraponto à realidade brasileira. Sempre preocupado com as condições econômicas e políticas em que o Brasil se encontrava, Lobato busca na comparação com outras realidades os meios para o progresso e modernização nacional. Dessa forma a Argentina é adotada também como parâmetro para a análise da realidade social no Brasil.

Contudo, o símbolo preferencial de Lobato para o caminho a ser adotado pelo Brasil era encontrado no estado de São Paulo. Sua *Paulistanidade*² se revela no apontamento dos indícios de modernidade já presente em São Paulo. O estado paulista é apontado por Lobato como “o galho mais vigoroso da arvore doente chamada Brasil” (LOBATO, 1959: 33). Dentro da realidade brasileira onde imperam o atraso e a improdutividade, o estado paulista é o modelo a ser seguido pelo “resto do país”. Mas São Paulo e o Brasil também estão relacionados a uma esfera internacional. Mr. Slang esteve na Índia, na Nova Zelândia, nas Ilhas Salomão, em Hawaí, em Sorawok e outras “inconcebíveis terras de gente cor de pinhão”. Por fim, veio parar no Brasil (LOBATO, 1959: 05). Para o inglês, a característica do pitoresco unia todos esses lugares. Eles eram diferentes da Inglaterra, tomada como parâmetro de modernidade.

² O termo *Paulistanidade* indica a construção e afirmação de representações regionalistas no estado de São Paulo ao longo dos séculos XIX e XX efetuado por uma elite intelectual oriunda dos grupos oligárquicos que buscavam afirmar seu domínio político através da caracterização de São Paulo como centro cultural, político e econômico do país.

Nesse sentido podemos identificar que Monteiro Lobato estabelece uma escala em sua geografia da modernidade. No ponto mais alto estão a Inglaterra e os Estados Unidos e, em menor escala, a Argentina. Esses países são tomados como símbolos do arrojo econômico, das mais avançadas ações políticas, o berço das grandes idéias, onde o trabalho é valorizado (LOBATO, 1959: 28). Na outra extremidade está o Brasil, ladeado por países como a China, o Senegal e o Havaí. Nesses lugares impera o despreparo e o descompromisso com o trabalho, as ações retrógradas na administração, a mentalidade em descompasso com os ideais da modernidade e do progresso (LOBATO, 1959: 05). No meio do caminho entre essas duas extremidades encontra-se o estado de São Paulo. Diferenciando-se das demais regiões do Brasil devido às suas origens ancestrais, o comprometimento da população com o trabalho, a moralidade de seus governantes e uma mentalidade de seu povo e de suas elites mais comprometida com os ideais de modernidade devido à influência estrangeira. São Paulo é o mais próximo que o Brasil chega do ideal de modernidade presente nesses outros países, por isso o estado paulista tem o dever de guiar o resto do país no processo de modernização e progresso.

A questão militar é um ponto que demonstra essa relação entre Brasil e Argentina e aponta para o lugar dos dois países nessa geografia da modernidade. O despreparo e a ineficiência são as características mais comuns das Forças Armadas indicadas por Lobato. A falta de arrojo, disfarçada de prudência, impedia que as autoridades brasileiras promovessem uma modernização efetiva das Forças Armadas. Nesse contexto, a prudência, como característica da mentalidade brasileira, se transformava em mais um dentre os vários empecilhos apontados pelo autor que impediam o progresso do país. Essa idéia se apresenta na discussão de Lobato sobre o papel da Marinha. No texto *De frutas e livros*, Mr. Slang aponta para seu interlocutor brasileiro as falhas na estrutura das Forças Armadas. O exército e a marinha são vistos como órgãos que não cumpriam as funções que lhes era devida dentro da estrutura nacional. Uma das causas disso era o desmantelamento dos equipamentos já desatualizados e que requeriam altos valores para sua manutenção. Isso fazia com que o Brasil se encontrasse em uma situação de desvantagem em relação a outros países e em um possível conflito que o obrigasse a se defender (LOBATO, 1959: 94). Nesse ponto a comparação já não é feita com os Estados Unidos ou com a Inglaterra. Lobato discute a posição do Brasil em relação à Argentina que, por ser um país mais próximo geograficamente, representava maior possibilidade de ser um opositor em um conflito

bélico devido aos interesses comuns voltados para a América do Sul. Sobre a forma como Brasil e Argentina administram os investimentos em suas Forças Armadas Lobato escreve na *Nota Final de Mr. Slang e o Brasil* (LOBATO, 1959: 123-124):

[Fala Mr. Slang] (...) O elefante é uma frágil coisa, se o ataca uma nuvem de moscardos bombardeadores. A era dos grandes navios passou, e conserva-los, com desconhecimento disso e desprezo pela arma nova que o vem substituir, é prepara momentos tristes para o futuro.

[Responde o interlocutor brasileiro] – Mas a Argentina, unico inimigo provavel com que temos de contar, tambem possui couraçados.

[E retruca Mr. Slang] – Sim, mas sempre em dia, sem o tal atraso que caracteriza seus equivalentes no Brasil. Apesar disso a Argentina, *mais previdente*, já criou a sua nuvem de moscardos [grifo nosso]. (...) [sic].

Assim Lobato aponta como a modernização das Forças Armadas já ocorria na Argentina devido ao caráter “mais previdente” de nossos vizinhos. Tal modernização do exército e da marinha ainda não havia ocorrido no Brasil, permanecendo as Forças Armadas com um aparato oneroso e ineficiente.

O ponto mais interessante é que Lobato não olha apenas para os EUA e para a Europa. Apesar de esses lugares serem parâmetros de modernidade para o autor, ele também volta seu olhar para a América do Sul. A Argentina também é incluída no mapa da modernidade. Tanto que Lobato se lança a empreendimentos editoriais na Argentina, onde também reside durante os últimos anos de sua vida. Ao mesmo passo que Lobato aponta a possibilidade de desenvolvimento dessa região, o autor também destaca o descompasso do Brasil que tantas vezes denunciou.

Referências Bibliográficas:

CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato*. São Paulo: Brasiliense, s.d.

LOBATO, Monteiro. *Mr. Slang e o Brasil*: colóquios com o inglês da Tijuca. São Paulo: Brasiliense, 1959.

LOBATO, Monteiro. *Problema Vital*. São Paulo: Brasiliense, 1959.

LOBATO, Monteiro. *Urupês*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. *Tecnologia e Estética do Racismo: ciência e arte na política da beleza*. Chapecó: Argos, 2007, 402 p.

GOMES, Ângela de Castro. A Política Brasileira em Busca da Modernidade: na fronteira entre o público e o privado. In: SCHWARCZ (org.), *Historia da Vida Privada no Brasil: costumes da intimidade contemporânea*. V. IV. São Paulo: Cia das Letras, 1998. p. 489-558.

KARL, Frederick R. Tornando-se Moderno: uma visão de conjunto. In: *O Moderno e o Modernismo: a soberania do artista (1885 – 1925)*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

KOSHIYAMA, Alice Mittika. *Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor*. Coleção Biblioteca de Letras e Ciências Humanas: Estudos Brasileiros. Organizado por Alfredo Bosi. Volume 3. São Paulo: T. A. Queiroz, 1982, 212 p.

LAJOLO, Marisa. De São Paulo al Aconcagua: una trayectoria latinoamericana para Monteiro Lobato. In: 8ª. Jornada Andina de Literatura Latino-Americana. Lima/Peru. 2004 (Mesa Redonda La mirada oblícua). Disponível em <http://livepdf.com/download/monteiro-lobato-vida-e-obra-edgar-cavalheiro-1.html>.

Acessado em 01 de junho de 2010.

LUCA, Tânia Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: UNESP, 1999.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira: 1915 - 1933*. v. VI. São Paulo: Cultrix, 1978.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MOUTINHO, Jessita Maria Nogueira. A Paulistanidade Revista: algumas considerações sobre um discurso político. *Tempo Social; Rev. Social. USP, S. Paulo*, volume 1(1), 3(1-2): 109-117, 1991.

SANDES, Noé F. “Pistas para a Análise da Pedagogia Lobatiana: As Aventuras do Sítio do Picapau Amarelo e as Desventuras da Nação” in SANTOS, Dulce O. A. dos e TURCHI, Maria Z. “Encruzilhadas do Imaginário: Ensaio de Literatura e História”. Goiânia, Cãnone Editorial, 2003.

ZILBERMAN, Regina (org). “Atualidade de Monteiro Lobato: uma Revisão Crítica”. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.